

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de abertura do 20º Congresso Nacional de Siderurgia**

**São Paulo-SP, 28 de maio de 2007**

Meu caro Miguel Jorge, ministro do Desenvolvimento, Indústria e  
Comércio,

Meu caro Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores,

Meu caro companheiro Luiz Dulci, ministro-chefe da Secretaria-Geral da  
Presidência da República,

Meu caro Gilberto Kassab, prefeito de São Paulo,

Meu caro Luiz André Rico Vicente, presidente do IBS,

Meu caro Rinaldo Campos Soares, vice-presidente do IBS,

Meu caro Jorge Gerdau Johannpeter, coordenador da Ação Empresarial,

Meu caro Marco Polo de Mello Lopes, vice-presidente do IBS,

Meus amigos e minhas amigas que participam deste 20º Congresso do  
setor siderúrgico brasileiro,

Pelas informações que eu recebi do Luiz André, quando falou, e pelo  
discurso do Miguel Jorge, na verdade eu nem precisaria falar. Mas o meu papel  
é de tentar ser animador, aqui, para uma platéia tão seleta, inclusive com  
convidados de vários países do mundo e da América do Sul, e dizer para vocês  
que é prazeroso para o estado de São Paulo e para um país como o Brasil  
realizar um Congresso desta magnitude. Mas mais prazeroso ainda é a gente  
saber que se nós ainda não fizemos todas as siderúrgicas que precisam ser  
feitas no Brasil, para atender a uma demanda necessária de países que  
importam de nós ou por conta da ausência de crescimento interno, eu penso  
que isso começa, aos poucos, a se transformar numa coisa do passado.

E por que se transformar numa coisa do passado? Eu lembro que não  
faz muito tempo, uns dois anos e meio, eu recebia setores da construção civil,  
eu recebia setores da indústria automobilística que estão aqui presentes, e era  
um tal de todo mundo se queixar de todo mundo. E eu aprendi que na casa que  
não tem pão, todo mundo fala mal de todo mundo e ninguém tem razão. Ou

seja, todo mundo tem um pouco de culpa, tem um pouco de erro. Eu penso que é nesse clima que eu quero dizer umas palavras a vocês, e sobretudo ao Rinaldo, que vai assumir, parece-me que já está definido democraticamente, a Presidência do IBS. E por que falar com o Rinaldo e não com todos vocês? Como no Brasil nós temos um sistema presidencialista e, mesmo o presidente não podendo tudo o que pensa que pode, a verdade é que ele vai ser o porta-voz de vocês. Então, vira e mexe, quando eu tiver que receber uma boa notícia, o Rinaldo é quem vai me dar, nos próximos anos; quando eu tiver que dar uma boa notícia para ele, eu vou chamá-lo; e quando tiver uma má notícia, ele vai sentar com vocês e passar a má notícia.

Então, Rinaldo, eu queria fazer um bom desafio para você. Primeiro, não há espaço para que a gente não acredite no novo potencial de desenvolvimento a que o Brasil está submetido. Não há espaço para pensarmos o Brasil sem pensar todos os países da América do Sul, em que nós temos duas responsabilidades: primeiro, a de construir parcerias com os países da América do Sul para produzir cada vez mais aço e, ao mesmo tempo, a de preparar o Brasil não apenas para atender o seu mercado interno, mas também para atender o mercado interno de países que não têm um forte setor siderúrgico mas, pelos números que conhecemos, todos estão numa nova linha de crescimento e desenvolvimento. Eu não quero crer que o setor siderúrgico vá fazer com que todos nós passemos vergonha. Ou seja, 20 anos se queixando de que a economia interna do País não cresce, 20 anos se queixando de que a construção civil não cresce, 20 anos se queixando de que a indústria automobilística não consegue acelerar o seu crescimento. Tudo isso está desmitificado. É visível, e muito mais que visível, palpável, que a indústria da construção civil, depois de longos 30 anos, está retomando o seu desenvolvimento. E um desenvolvimento provocado pelo governo, mas, sobretudo, provocado pela própria consciência empresarial deste País.

Vocês, que acompanham o setor, sabem que não foram poucas as coisas que nós fizemos para desonerar quase toda a cadeia da construção civil, para que ela pudesse voltar a ser uma espécie de mola, de alavancamento do desenvolvimento do nosso País. Então, isso veio para ficar. E a demonstração maior a gente deu no PAC. Se a gente imaginar que é a primeira vez, nos últimos tantos anos, que nós fazemos um projeto de

desenvolvimento que tem cabeça, tronco e membro, que tem data para começar e para terminar, e que tem a totalidade do conjunto do governo envolvido para tentar desobstruir todos os gargalhos, que não são de um ministro, não são de um governo, são de uma legislação que nós aprovamos ao longo da história deste País e que, portanto, nós temos que cumprir ou mudar a lei.

O Congresso Nacional prestou um serviço extraordinário votando com uma rapidez singular tudo o que nós mandamos do PAC para o Congresso Nacional. E no Senado faltava apenas uma coisa que, certamente, se votará nos próximos dias. E nós hoje temos o quê? São 1 646 ações, das quais 55% já estão em obras. E vocês, como construtores de aço, precisam tomar muito cuidado com a apologia que foi feita aqui, porque quando se começou a dizer que tudo precisa de aço, eu falei: “bom, só falta aparecer que nós vamos comer aço”.

Mas a verdade é que o PAC será o grande consumidor de aço nestes próximos anos aqui no Brasil. Se a gente imaginar que só na questão da logística, com rodovias, ferrovias, portos, hidrovias e aeroportos, nós estamos investindo 58 bilhões de reais; se nós imaginarmos que na geração, transmissão, petróleo, gás e combustíveis renováveis, estamos investindo 274 bilhões; e se imaginarmos que para saneamento básico, habitação, recursos hídricos e metrô tem mais 170 bilhões de reais, tudo isso em 10 anos, e que se tivermos competência para gastar o dinheiro que está disponibilizado e não faltar aço, nós encontramos, finalmente, Rinaldo, o jeito do Brasil crescer de uma forma ordenada e planejada.

E nós sabemos que vai aparecer um outro ingrediente que vai nos causar problemas: que é quantidade de mão-de-obra necessária, mão-de-obra qualificada, que vamos precisar e que nós hoje não temos. Porque também, depois de 26 anos de estagnação da economia brasileira, depois de vinte e poucos anos só crescendo o número de desempregados, e não o número de empregados, é normal que as próprias empresas não formassem a mão-de-obra de que elas necessitavam para o mercado, com raríssimas exceções.

Pois bem, logo depois do PAC, nós lançamos o PDE, o Programa de Desenvolvimento da Educação brasileira, que prevê 40 grandes mudanças na educação, mudanças na legislação, para que a gente possa fazer uma

combinação perfeita entre o crescimento da economia e o crescimento para oferecer ao mercado e ao País a quantidade de mão-de-obra preparada que o nosso País necessita.

E eu acredito que, num congresso como este, vocês poderão discutir o que vocês bem entenderem, mas vão chegar à conclusão de que o Brasil não pode prescindir da construção de várias outras siderúrgicas. Nós não podemos ficar sentados em berço esplêndido, ficar olhando a China crescer, ficar olhando prazerosamente a Vale do Rio Doce encher navios cada vez maiores de minério, quando esse minério poderia sair daqui com um pouco mais de valor agregado, pelo menos guza, ou quem sabe chapa, ou quem sabe laminado. É preciso que a gente pense, enquanto nação, e não apenas enquanto empresa ou enquanto setor, para que a gente dê respostas ao mundo.

Gerdau, você vai viver uma alegria nos próximos anos, pois eu acho que os países não vão conseguir manter a barreira, eu acho que os Estados Unidos vão ter que abrir, em algum momento, para comprar o nosso aço, para comprar o nosso álcool, para comprar o nosso biodiesel. É uma questão de tempo. E nós precisamos evoluir a ponto de compreender a mudança que está acontecendo. Eu ainda nem consertei, definitivamente, as coisas que tem que consertar no Brasil. Eu estou de olho na África. A África daqui a 20 anos terá 1 bilhão e 300 milhões de habitantes. Se um país como o Brasil não estiver de olho para se introduzir enquanto setor tecnológico, setor industrial, nesse continente, não pense que os chineses vão esperar o Brasil tomar uma decisão, eles vão ocupar. Porque, de 1 bilhão e 300, nós teremos alguns milhões de consumidores que vão querer construir, que vão consumir energia, que vão querer comprar, e é um espaço que o Brasil pode tranquilamente trabalhar.

É por isso que nós não poderemos mais planejar as nossas tomadas de posição por quatro anos ou cinco anos, nós precisamos avançar. O PAC foi o primeiro exemplo. Eu estou convencido de que, a partir de junho, começarei a viajar pelo Brasil, ou visitando obras do PAC – vocês estão lembrados de que acabei de fazer uma medida provisória criando uma secretaria especial só para cuidar dos portos brasileiros. É preciso que a gente arrume, definitivamente, o potencial logístico dos nossos portos, para que a gente possa não apenas

receber, mas mandar o dobro de mercadoria que nós queremos mandar para o mundo, porque as nossas exportações vão continuar crescendo.

Nós temos um problema de energia e nós sabemos que, para consertar o problema de energia no Brasil, precisamos, primeiro, respeitar o meio-ambiente. Acabou aquele momento em que o cidadão primeiro fazia um projeto, e depois que o projeto estava pronto, as pessoas iam atrás para conseguir a licença ambiental. São projetos e mais projetos que ficaram anos, neste País, paralisados. É só lembrar, quem entende de energia aqui, o estudo sobre a viabilidade de Belo Monte, no estado do Pará, que ficou 20 anos suspenso por liminar. Não era projeto para fazer, era a permissão para se estudar a possibilidade do Belo Monte. Agora está destravado e o projeto vai sair. Nós estamos fazendo um inventário de praticamente 32 mil megawatts e se a gente quiser que isso ganhe um tempo, não é o Ministério de Minas e Energia fazer uma coisa e depois de estar pronto ir atrás do Ministério de Meio Ambiente. É preciso que comecem a trabalhar juntos, para que quando um Ministério estiver discutindo um assunto, o outro esteja envolvido.

Levamos 2 anos e meio para fazer o projeto da BR-163 que, ao começar a ser construída, ela será, possivelmente, uma rodovia símbolo neste País, combinando a rodovia com a preservação ambiental e com a política de industrialização de madeira naquela região. Ou seja, esse momento tem que ser aproveitado por vocês. Eu, por exemplo, acho que está na hora de construir uma siderúrgica no Maranhão, acho que está na hora de a gente pensar na siderúrgica do Ceará, depois de vencermos todas as liminares que estão colocadas contra a siderúrgica. Mas é preciso que a gente mapeie a possibilidade de desenvolver o Brasil de forma mais justa e mais equânime. E nós estamos convencidos de que o País está preparado para isso.

É verdade que em 2004 nós começamos a ter um crescimento. Na hora em que todo mundo estava alegre, achando que o Brasil ia crescer, o que aconteceu, de fato? A inflação voltou a 9%. E, hoje, eu posso olhar na cara de cada um de vocês e dizer que a inflação não volta mais neste País. E ela não volta porque é um mal para a maioria das pessoas deste País, sobretudo para aqueles que vivem de salário. É um mal, ela não vai voltar.

A política de juros, nós estamos consertando. Ninguém fala tanto mais, ou seja, as pessoas já estão percebendo que é inexorável que o Brasil vai

atingir a perfeição na sua política monetária, sem fazer com que ninguém seja pego de sobressalto. Até porque nós definimos, há muito tempo, que não tem mágica em economia, tem seriedade.

E as condições do Brasil estão colocadas. E eu tenho certeza de que vocês, que já foram parceiros nesse primeiro momento, continuarão a ser parceiros, porque ou nós pegamos essa oportunidade agora e fazemos dessa oportunidade um marco na história deste País ou nós poderemos jogar fora e, daqui a 20 anos, estaremos arrependidos por não terem acontecido as coisas que deveriam ter acontecido no Brasil.

Por isso, eu queria terminar, meu caro Luiz André, dizendo que nesses quatro anos eu aprendi, nessa convivência com vocês, a reconhecer o trabalho que têm feito, não apenas pelo setor, mas pelo País. Da mesma forma que o governo pode fazer muito mais, eu tenho convicção de que vocês podem fazer muito mais. Porque se todos nós assumirmos a responsabilidade de fazer muito mais, quem vai ganhar com isso é o povo brasileiro.

Mas eu vou repetir uma coisa: eu não me preocupo, hoje, apenas com o resultado do que nós possamos fazer no nosso País. É preciso que a gente tenha uma dimensão maior. O Gerdau sabe que eu sou um provocador e um incentivador de que as empresas brasileiras precisam virar empresas multinacionais. Quanto mais empresa brasileira a gente tiver fincando sua bandeira junto com a bandeira de outros países, isso é a demonstração inequívoca de que este País irá se transformar numa grande economia.

Se houve um momento, na história deste País, em que alguém se contentava com pouco, eu não me contento com pouco. Acho que o Brasil não pode, em hipótese alguma, jogar fora essa oportunidade que vocês e que nós criamos. E essa oportunidade de crescimento, ela tem que vir combinada com uma política social que durante muito tempo se esqueceu. Não adianta o País crescer a 7%, a 8%, se atrás não houver o crescimento da participação das pessoas nessa distribuição de renda.

E quando eu digo isso, eu me lembro, todo dia: em 1973 a economia brasileira cresceu 14%, entretanto, o salário mínimo decresceu. E nós estamos provando que, mesmo crescendo um pouco menos, fazendo política de distribuição de renda, as coisas vão acontecendo. É por isso que no Nordeste o consumo cresceu 38%, é porque uma parcela da população teve acesso ao

elementar para comer, e nós queremos continuar fazendo isso.

E eu não tenho dúvida nenhuma que, se depender do setor siderúrgico, nós iremos alcançar, não apenas as metas que estão no PAC, mas nós iremos ultrapassar as metas que nós mesmos nos colocamos. O que nós queremos é construir um País tão sólido para que aconteça o que já acontece com outros países. Vejam que, no mundo desenvolvido, ninguém está preocupado se quem vai entrar é o partido “A” ou partido “B”, ou seja, o povo disputa lá, depois aquele que ganha, as coisas estão tão consolidadas, que o barco vai embora. Aqui, no Brasil, a cada eleição, nós ficamos achando que o mundo vai acabar se ganha fulano, o mundo vai explodir se ganha beltrano, e nós queremos deixar o Brasil, no final do mandato, preparado para que vocês nunca mais tenham medo de eleição, porque ela pode mudar o homem que dirige, mas ela não muda as regras que foram consolidadas pela sociedade brasileira.

A todos vocês que participam deste congresso, meus parabéns. E eu espero contribuir para que vocês vendam cada vez mais um pouquinho de aço, aqui e lá fora, pois eu sei que gerará mais emprego, mais consumo e mais cidadania. Parabéns.